

LER NA PANDEMIA É LER A PANDEMIA

READING IN THE PANDEMIC IS READING THE PANDEMIC

Daniel Manzoni de Almeida¹

Os latidos do meu cachorro, em sua linguagem para pedir para passear na rua, me retiraram da linguagem silenciosa para me ajudar a ler o mundo como em *Flush* de Woolf que eu lera um ano antes do mundo se contaminar. Era mais um dia em que não havia ninguém vivo na rua além de mim e do meu cachorro na coleira. Mortos, eram muitos, dentro dos caminhões frigoríficos na porta do hospital na região central da cidade de São Paulo. O tempo havia parado na cidade com as portas dos comércios fechadas. Eu acabara de ler *A peste* de Camus para entender tempos de pandemia. Foi ali que percebi, que tal qual a história do livro, a peste já havia contaminado também as almas e o cansaço era existencial. Meu cachorro seguia farejando com inocência os cantos achando que a rua lhe pertencia. Queria esse encantamento do meu cão: de que há ainda mundo para conquistar. Em verdade, há. É ser antídoto como *Pollyana* de Porter, que me veio à mente e que lera bem antes, passar a ver e encontrar, assim como a garota, nos horrores do meu tempo a beleza que não estava evidente. Era uma questão de ver o mundo com outra perspectiva dos olhos nublados de cinza que descia nas minhas pálpebras mesmo com o sol tocando o máximo do céu do meio dia. Ao virar a esquina meu cachorro encontrou a árvore que tanto gostava. Eufórico, a rodeou como se fosse nova, mas ela já estava ali bem mais tempo do que tudo. E estará sempre. Intacta na beleza verde da sua esperança natural. Passará por tudo isso sem marcas. Talvez seja como quando li em *O deserto dos tártaros* de Buzzati em que uma vida com sentido gloriosa esteja, em fato, na espera dela da glória. Glória essa que já está, ali, diante do verde diário e gratuito da árvore, do farejar do cão, das letras no papel dos livros. No retorno para casa, pós o alívio eufórico do meu cão, cruzei pela primeira vez em semanas com

¹ Professor, escritor e pesquisador. danielmanzoni@gmail.com

uma mulher na rua. Estava de branco, provavelmente trabalhava cuidando dos enfermos no hospital ali de perto. Foi ver vida derreter os corpos gelados dos caminhões frigoríficos. De máscara, me cumprimentou com um olhar: “tudo vai ficar bem”. Era uma mensagem de conforto que revelava nos olhos. A sensação de morte amenizou mais um pouco. Há alguém lutando pelas vidas. Vou reler *A hora da estrela* de Lispector em que a existência precisa fazer sentido já e não apenas na hora da morte como para Macabéa. Foi quando cheguei em casa, esse livro em uma mão e na outra uma xícara de café fresco para que as palavras me abraçassem. Meu cão dormiu despreocupado.